

CLASSE MÉDIA BRASILEIRA: IDENTIFICAÇÃO E CONTINGÊNCIA

REASILVA AURORA ALVES DA SILVA^{1,2}, LUIS FERNANDO SANTOS CORRÊA
DA SILVA³

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade está presente no espaço social brasileiro tornando-se difícil desvincular da compreensão da estrutura de nosso país. Entre as investigações propostas nesse texto está a relação do arranjo de classes na legitimação da desigualdade econômica, e ainda a discussão do discurso, que é político, justificador das injustiças sociais (SOUZA, 2018).

Ao demonstrar engajamento no espaço público, a classe média brasileira é preponderante para a compreensão das formas de manifestação do político, bem como, a propagação de discursos validadores da desigualdade.

Em termos históricos, a desigualdade está no âmago da sociedade liberal (Arendt, 1975), não sendo consequência de um processo inevitável ou mesmo resultado surpreendente de uma organização social que se propunha diferente. No Brasil não se constitui de outra forma, é fruto de uma série de condicionamentos históricos que vêm desde a colonização e “descoberta”, estabelecendo profundas raízes na escravização de povos indígenas e povos africanos. A estrutura social desigual do país é consequência premeditada, e mecanismo levado a cabo, ao longo do tempo, um projeto político que se materializa na progressão da desigualdade, ao mesmo tempo que o acirramento da pobreza.

No entanto, um dos possíveis fatores de amenização da desigualdade, segundo Kerstenetzky (2017) é a tributação progressiva, que caso fosse aplicada, reduziria as diferenças na distribuição de renda. Porém, isso não acontece porque os atingidos, a burguesia e/ou a pequena burguesia, a classe média brasileira, estão nesses espaços, no político. Portanto, enquanto os estratos sociais desprivilegiados não chegarem ao político, a

1 Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Fronteira Sul - *Câmpus* Erechim, mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contato: sreasilva@gmail.com

2 Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, **Orientador**.

3 SOCIEDUDES - Grupo de Pesquisas e Intervenções Sociedade, Educação e Desigualdades.

desigualdade e a injustiça social tendem a continuar persistindo. A chance é pela via do político.

2 OBJETIVOS

Neste artigo compreendemos a classe média como uma categoria antagônica, isto é, se existe é porque há um oposto, um outro que está ou em sujeição ou sobreposição. Vamos falar neste espaço sobre a classe média brasileira e a sua aproximação com o discurso político das classes altas (LACLAU; MOUFFE, 2015).

Como questão adicional, problematizamos qual o conteúdo e o sentido do discurso da classe média sobre a desigualdade experienciada no Brasil. Levantamos essas questões, traçando, no decorrer do texto, um possível paralelo entre a classe média e a desigualdade, tendo em vista as bases teóricas já citadas e o potencial explicativo que a reflexão possui.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica a partir de autores que discutem sobre classe média no Brasil e fora do país, além de pensadores que tratam especificamente das desigualdades existentes por aqui. Com esses elementos propomos algumas reflexões que têm a potência de facilitarem a compreensão de acontecimentos e reproduções no interior da estrutura de classes da sociedade brasileira.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A democracia está sempre em “*por venir*” (LACLAU; MOUFFE, 2015), como não existe uma ideia final de democracia que torna possível compreender e criar diversas teorias democráticas, em outras palavras, é a impossibilidade do fundamento que torna possível falar em democracia.

Dessa forma, considerando a realidade brasileira que se desenhou já na Introdução, Arretche (2018) questiona se o sistema democrático teria por si só a capacidade de amenizar as desigualdades sociais. Essa questão é acompanhada de um grande “não”. É por, historicamente, se esperar demasiado da democracia como único sistema possível, aceitável e “bom para todos” que se acreditou no potencial de subtração das injustiças sociais a partir das instituições democráticas. Talvez tenhamos esperado muito da democracia, ou mesmo sido

ingênuos a ponto de ignorar a desigualdade como um fenômeno social resultante das formas socioeconômicas a partir das quais a sociedade está orientada.

Tendo em vista a impermanência da compreensão conceitual teórica de democracia, trazemos para a discussão a ideia do político. O “político” entendemos como sendo preponderantemente a via do espaço público. Estar no político é criar as condições de promovê-lo, isto é, se está no político quando se faz o espaço de participação. Por ser um arranjo dialético, o político não existe por si só, a partir da vontade individual, mas como ação coletiva e através de abertura social. Fazer o político é participar das decisões sociais, elaborar reivindicações, promover espaços de escuta, tomar parte na vida política da comunidade imediata e da sociedade pertencente.

Quando se trata de classe média temos um problema básico, a distorção da própria imagem. É como se ao se olhar no espelho, a classe média brasileira não enxergasse a si mesma, mas se visse como elite, esse processo denominamos de desidentificação. A desidentificação reforça a ideia de que “[...] a identidade individual não se constitui isoladamente, mas em relação a um corpo coletivo que, por sua vez, reproduz-se estruturalmente pela capacidade de fazer-se reconhecer como real (e, com maior ou menor sucesso, como legítimo) pelos agentes que o compõem.” (IPEA, p. 8, 2019). Justamente, por não se reconhecer como oposta à elite - apesar de estar numa situação de oposição - que a classe média delimita elementos que a aproxima das classes altas, subvertendo a oposição ao se identificar como tal.

É nesse ínterim que a ideologia do mérito ganha força, sendo utilizada como justificadora das desigualdades sociais, e mesmo, limitando a possibilidade de compreensão das diferenças sociais. Nessa esfera, a opressão e as justificativas naturalizadas das distinções sociais são moralizadas, passando a serem vistas como partes de uma escolha ou opção moral que alguns tomam ou não.

Aqueles que não pertencem ao patamar da classe média, ou seja os que estão em estratos sociais inferiores, são os que necessitam da tutela moral dos mais afortunados. Esse processo é tão provocativo que os oprimidos reproduzem e justificam sua condição subalterna. A ideologia do mérito é corrosiva a ponto de mitigar a identidade de outras classes sociais que se encontram numa condição desfavorável na estrutura (SOUZA, 2018).

Se a desigualdade é encarada como reflexo das escolhas morais, acaba sendo um dos principais aspectos de distinção da classe média brasileira. O antagonismo aqui materializado

nas classes menos privilegiadas, é meio próprio da política, é condição de existência e impossibilidade (LACLAU; MOUFFE, 2015).

Assim, o antagonismo defendido veementemente pela classe média em relação a classe desprivilegiada é uma contingência radical do social, fundamental para a condição de sua existência enquanto classe, e necessária para o estabelecimento de vínculos sociais estáveis. Ou seja, é fundamental que haja antagonismo (identificação política) como uma categoria política, para que o “eu” resista (LACLAU; MOUFFE, 2015).

Segundo Laclau e Mouffe (2015), o antagonismo é um fundamento político que constitui a identidade coletiva. A identidade coletiva se costura na oposição, adquire relações com um exterior não pertencente a essa identidade que põe em risco a si própria, isto é, o antagonismo alicerça as identidades ao mesmo tempo que é uma negatividade que ameaça. Quando se trata de classe média, essa identificação que deveria constituir o reconhecimento enquanto classe com suas bases e estruturas próprias, acaba por tornar a classe média como reflexo distorcido da elite, promovendo o que denominamos de desidentificação.

Noções equivocadas, como os discursos da classe média mencionados ao longo do texto, sobre o papel do Estado e a desigualdade, promovem para além do acirramento das injustiças sociais, o retardamento do setor econômico. Um dos argumentos constantemente recuperados, quando se trata da criação de políticas públicas e investimentos sociais por parte dos governos, é a percepção que as políticas sociais restringem os rendimentos da economia, quando em verdade causam efeito contrário.

Contudo, a classe média, por não se encontrar em nenhum dos lados extremos da equação, é percebida como um possível vetor de transformação social, caso não representasse a ojeriza às classes subalternas e nem a legitimação da estrutura desigual, seria um importante apoio contra a elite do atraso (SOUZA, 2018). A potência da classe média está na dinamicidade e certa autonomia que ela possui diante de instituições tradicionais. Assim, conseguiria atuar no sentido de amenizar e questionar a estrutura de classes, bem como a desigualdade histórica que há no país.

5 CONCLUSÃO

Se a redenção dos oprimidos tem a possibilidade de acontecer através do político, retornamos à problemática do vetor de transformação que as classes médias são capazes de produzir. Como estão no espaço político e possuem grande poder, são capazes de abrir

caminho para que as classes menos privilegiadas tenham suas pautas, se não transformadas de imediato, pelo menos miradas.

A desigualdade sabota a cidadania, evidenciando não apenas a diferença entre os grupos sociais, como também vulnerabilizando aqueles que não detêm dos artifícios performativos do que é ser cidadão. Amenizar a desigualdade afeta uma multiplicidade de fenômenos sociais, atua no desenvolvimento humano, na participação no espaço público, e, na cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **As Origens do Totalitarismo**: anti-semitismo, instrumento de poder. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1975.

ARRETICHE, M. Democracia e redução da desigualdade econômica no Brasil: A inclusão dos outsiders, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol 33 (96): 15-34, 2018.

CORRÊA DA SILVA, L. F. S. Entre a posição e as práticas: classes médias nas perspectivas de Erik Olin Wright e Pierre Bourdieu, **Ciências Sociais Unisinos**, 56 (1):48-57, janeiro/abril, 2020.

DUNN, J. **A história da democracia**. São Paulo: Ed. Unifesp. 2006.

IPEA. (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Radiografia do Brasil Contemporâneo**. Relatório de Pesquisa: Diretoria de Estudos e Políticas de Estado, Instituições e, Democracia, 2019.

KERSTENETZKY, C. Foi Um Pássaro, Foi Um Avião? Redistribuição no Brasil no século XXI, **Novos estudos CEBRAP**, Vol 36 (2): 15-34, 2017.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

SOUZA, J. **A classe média no espelho**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

STIGLITZ, J. **El precio de la desigualdad**: El 1% de población tiene o que él 99% necessita. Taurus, 2012.

Palavras-chave: Desidentificação, participação social, o político.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2020-0321.

Financiamento: UFFS.